



**Jornal Notícias**

22-02-2012

**Periodicidade:** Diário

**Classe:** Informação Geral

**Âmbito:** Nacional

**Tiragem:** 110603

**Temática:** Saúde

**Dimensão:** 677

**Imagem:** S/Cor

**Página (s):** 1/5

**SOCIEDADE // P.5**  
**Sete mil portugueses funcionam como cobaias clínicas**

DIREITOS DOS DOENTES

**ADESÃO VOLUNTÁRIA E SEM QUALQUER TIPO DE RETRIBUIÇÃO**

A participação em ensaios clínicos depende da vontade do doente, que deve ser claramente informado de todos os riscos inerentes a um tratamento ainda experimental.

**PLACEBO SÓ QUANDO ESGOTADO ARSENAL TERAPÊUTICO**

Os ensaios nem sempre testam novos medicamentos, podem avaliar uma nova forma de combinar terapias já existentes. Só é ética a utilização de placebo (substância neutra) em doentes para os quais já não existem tratamentos disponíveis.

**PARTICIPANTES TÊM SEGURO QUE COBRE POSSÍVEIS COMPLICAÇÕES**

Quem integra um ensaio tem direito a uma rigorosa avaliação, todos os exames e terapêuticas são custeados pelos promotores e seguro para eventuais problemas.

# É uma roleta russa, mas a ele saiu-lhe a vida

**Doente oncológico conta como é integrar estudo para testar remédio** ● **Ensaio** clínicos são a última esperança quando já não há outras opções

**Helena Norte**  
helena@jn.pt

**Aceitou participar num estudo para testar um novo medicamento que era duplamente cego: nem ele nem os médicos sabiam se iria tomar a substância ou o placebo. Resultou, mas viu outros morrerem.**

**A**ntónio Carlos Martins não tinha muito a perder quando, há cerca de quatro anos, lhe propuseram que integrasse um ensaio clínico para testar um novo medicamento. A cirurgia e a quimioterapia não tinham debelado o cancro da próstata e a doença ameaçava agora os ossos.

O estudo era duplamente cego: nem os médicos nem os pacientes sabiam quem estava a tomar o fármaco e quem recebia o placebo (substância neutra). As probabilidades de andar, durante três anos, a tomar uma substância neutra eram de 50%. E, mesmo

que tivesse a sorte de receber a nova droga, nada garantia que iria melhorar e, mais importante ainda, que não ficaria pior.

“Estava muito debilitado, física e psicologicamente, com as sequelas da quimioterapia, e pensei no estudo como uma tábua de salvação”, recorda o desenhador reformado. Apesar de a equipa médica lhe ter explicado as complicações que poderiam advir de um tratamento experimental (ainda não aprovado), só quando viu,

preto no branco, a longa lista de efeitos secundários indesejáveis, nos documentos para o consentimento informado, é que tomou consciência dos riscos. “Algumas complicações possíveis eram assustadoras. Vacilei. Mas depois pensei que tinha de arriscar. Por mim e por todos os outros que estão doentes. Antes de mim, outros também arriscaram para que tivéssemos melhores medicamentos.”

Com o apoio da família e a retaguarda da equipa do Instituto Português de Oncologia do Porto, António Carlos Matos arriscou. Até porque era isso ou nada. O arsenal terapêutico para casos como o seu estava esgotado. O ensaio começou e, meses depois, as melhorias surgiram. “Percebi que devia estar a tomar a substância, ao mesmo tempo que via outros doentes que, como eu, participavam no ensaio a ficarem para trás. Sei que é assim que tem de ser, mas é muito cruel.”

No fim do estudo, teve a confirmação do que já sabia: na roleta russa, saiu-lhe a vida. Continua a tomar a substância – que está em fase de aprovação pelas autoridades dos medicamento – e os progressos mantêm-se. “Passei por uma montanha de angústias, mas o balanço é 100% positivo.” ●

**NÚMEROS**  
**7000**  
**doentes em ensaios**  
Estão a decorrer 330 ensaios clínicos em 90 unidades de saúde. Os institutos de Oncologia e hospitais universitários concentram a maioria.



**Diagnosticado** há dez anos com cancro da próstata, António Carlos Martins participou num ensaio realizado no IPO do Porto para validar um novo medicamento

**LEI VAI MUDAR**

► **Proposta em análise**  
O Ministério da Saúde já enviou ao Infarmed - Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde uma proposta de revisão da atual lei (n.º 46/2004, de 19 de Agosto) que visa, entre outros objetivos, tornar mais célere o processo de aprovação e tornar o país mais competitivo neste domínio. A diminuição do número de ensaios em Portugal é superior à média europeia, segundo o Infarmed.

► **Europa em queda**  
A Comissão Europeia vai rever a legislação nesta matéria para contrariar a quebra no número de ensaios clínicos no continente. A indústria farmacêutica tem vindo a deslocar os estudos para países com leis menos restritivas.

## IPO do Porto tem candidatos a estudos

**QUASE METADE** dos 330 ensaios clínicos em curso em Portugal testam novos tratamentos para doenças oncológicas. Há um interesse crescente por parte dos doentes em ter acesso a tratamentos inovadores. Até já há quem se ofereça para integrar esses estudos.

Ao Instituto Português de Oncologia (IPO) do Porto, que participa na esmagadora maioria dos ensaios na área do cancro realizados no nosso país, já chegaram candidaturas espontâneas de doentes que veem nos ensaios uma esperança de obter tratamento quando as terapias atualmente disponíveis são ineficazes, disse ao JN José Dinis,

coordenador da Unidade de Investigação Clínica.

Além de permitirem o acesso a terapêuticas inovadoras, os ensaios clínicos são já uma significativa fonte de receitas das instituições, dado que os promotores (indústria farmacêutica ou centros de investigação) pagam pela sua realização.

No caso do IPO do Porto, representaram, no ano passado, receitas de 500 mil euros. Por outro lado, o Estado também poupa, já que “um doente que integre um ensaio clínico fica praticamente a custo zero”, porque todos os exames e terapêuticas são assegurados pelos promotores, realça José Dinis. ●

JOSE CARVALHO/AL. IMAGENS